

O ENFRENTAMENTO DO LUTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Iago Almeida dos Santos¹

Maysa Cazu de Toledo²

Prof. Karla de Souza Moreira³

Profa. Dra. Thais Caroline Attaide Lacerda⁴

RESUMO: A maneira como as crianças lidam com perdas simbólicas e concretas, especialmente a morte, é um tema de crescente relevância na psicologia infantil e na ética do cuidado. Explorar como elas vivenciam o luto e atribuem significado à morte é crucial para entendermos o impacto emocional e cultural dessas experiências em seu desenvolvimento. O diálogo sobre a morte com crianças enfrenta desafios significativos, incluindo tabus culturais e dificuldades emocionais, tanto para os adultos quanto para as próprias crianças. Este estudo tem como objetivo principal compreender as percepções das crianças em relação ao luto e à morte, investigando como essas experiências são interpretadas e internalizadas ao longo do desenvolvimento infantil e como esses aspectos influenciam a forma como as crianças compreendem e processam a perda, contribuindo para uma abordagem mais ética. Este trabalho utilizará análise de literatura especializada. Será adotada uma abordagem qualitativa, que busca investigar de forma sensível. Espera-se, portanto, contribuir para práticas mais informadas no apoio psicológico infantil em contextos de perda.

Palavras-Chave: primeira infância; luto; psicologia.

1 INTRODUÇÃO

O enfrentamento da ideia de morte na primeira infância é um tema de extrema relevância e complexidade, que envolve tanto aspectos emocionais quanto cognitivos. Este trabalho visa explorar como as crianças nessa fase do desenvolvimento lidam com a perda de um familiar ou pessoa próxima, bem como investigar a influência dos adultos na compreensão desse tema pelas crianças e identificar as melhores formas de minimizar os impactos dessa perda.

Alguns estudiosos, como Piaget, afirmam que a maneira como as crianças desenvolvem o conceito de morte está relacionada ao desenvolvimento cognitivo (Piaget, 1971). No entanto, a experiência pessoal da criança, incluindo fatores culturais, também desempenha um papel crucial na elaboração desse conceito. A cultura fornece contextos formais que representam eventos sociais, incluindo a morte, influenciando significativamente a percepção da criança sobre o assunto (Kubler-Ross, 2008).

O objetivo geral deste trabalho é construir uma revisão bibliográfica sobre o tema, a fim de ampliar a compreensão de como as crianças na primeira infância enfrentam a ideia de morte. Especificamente, pretende-se realizar um estudo teórico e metodológico sobre o impacto do conceito de morte no desenvolvimento humano; conduzir uma revisão e balanço bibliográfico e ambientar o fazer do psicólogo nesse cenário.

A relevância deste estudo está na necessidade de compreender como as crianças vivenciam o luto na primeira infância, dado que a morte é um tema muitas vezes tabu na nossa cultura, dificultando o diálogo sobre o assunto. A falta de compreensão sobre como as crianças no início de seu desenvolvimento percebem e enfrentam a morte pode levar ao silenciamento e à ausência de suporte adequado, impactando negativamente

1 Autora: Graduanda em Psicologia pela Faculdade Católica Paulista (FACAP).

2 Autora: Graduanda em Psicologia pela Faculdade Católica Paulista (FACAP).

3 Orientadora: Profa. Me. Karla de Souza Moreira. *E-mail:* Profa. Me. Karla de Souza Moreira

4 Coorientadora: Docente da Faculdade Católica Paulista (UCA). Doutora em Ciências pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho. *E-mail:* thais.lacerda@uca.edu.br.

o seu desenvolvimento emocional e social.

Ao entender melhor essas experiências, será possível desenvolver estratégias mais eficazes de apoio e intervenção, contribuindo para práticas mais humanizadas e sensíveis às necessidades emocionais das crianças enlutadas. Além disso, a discussão sobre o enfrentamento do luto na primeira infância tem implicações não apenas no âmbito individual, mas também no social e cultural.

Compreender como as crianças lidam com a morte pode auxiliar na construção de uma sociedade mais empática, que reconhece e respeita as diversas formas de expressão do luto, promovendo uma cultura de acolhimento e cuidado. Diante do exposto, torna-se evidente a importância e a pertinência desta pesquisa, que visa contribuir para o avanço do conhecimento científico no campo da psicologia e para a promoção do bem-estar das crianças enlutadas.

Para alcançar esses objetivos, este trabalho utilizará uma metodologia de revisão de literatura, analisando artigos e teses que abordam assuntos relacionados ao tema. A busca será realizada nas bases de dados Scielo, PubMed e Google Acadêmico, utilizando as palavras-chave “luto”, “morte”, “primeira infância”, “fases do luto” e “psicologia infantil”.

Com essa abordagem, espera-se não apenas compreender melhor como as crianças enfrentam a ideia de morte, mas também oferecer subsídios para práticas profissionais mais eficazes, promovendo o bem-estar e o desenvolvimento saudável das crianças enlutadas.

2 MORTE, LUTO E A PRIMEIRA INFÂNCIA

A sociedade atual, apesar de sua capacidade de enfrentar diversos assuntos considerados tabus, ainda apresenta dificuldades significativas em lidar com a morte. A morte, enquanto elemento da consciência, ocupa uma posição de destaque na existência humana. O ser humano é o único ser vivo capaz de refletir sobre sua própria existência e, inevitavelmente, sobre sua própria morte. Filósofos existencialistas como Sartre e Heidegger citavam a morte em seus escritos.

Esse ou aquele, próximo ou distante, morre. Desconhecidos morrem dia a dia, hora a hora. A morte vem ao encontro como um acontecimento conhecido, que ocorre dentro do mundo. Como tal, ela permanece na não surpresa, característica de tudo aquilo que vem ao encontro na cotidianidade. (Heidegger, 2002, p. 35).

Este fenômeno é cercado por inúmeros rituais e mitos, já que não há respostas concretas e definitivas para a morte. Esta seção tem como objetivo explorar as fundamentações teóricas relacionadas ao conceito de morte e seu impacto nas crianças na primeira infância, bem como os processos de luto e suas implicações.

2.1 Conceito e entendimento de morte

O conceito e entendimento de morte se refere à compreensão que os indivíduos têm sobre o fenômeno da morte, ou seja, como eles percebem e interpretam o fim da vida. Este conceito pode variar de acordo com diferentes fatores, como cultura, religião, experiências pessoais e estágio de desenvolvimento cognitivo.

Nas diferentes culturas e civilizações, existem diversas formas de imaginar e descrever a morte, mas geralmente há uma sacralidade atribuída à vida, independentemente das crenças religiosas ou valores culturais. A compreensão da morte pode envolver conceitos de transição, renascimento, continuidade da existência em

outro plano ou cessação completa da vida, dependendo das visões de mundo de cada sociedade.

As culturas e civilizações possuem formas diversas de imaginar e representar a morte, mas a sacralidade da vida é valorizada por todas as religiões e crenças (Rodrigues, 2016). Diante disso, ao enfrentarmos a perda de alguém próximo, frequentemente encontramos dificuldades para lidar com essa situação, sendo essa experiência ainda mais intensa quando envolve uma criança. A morte é um tema raramente discutido entre as pessoas e que não apresenta verdades absolutas; a única certeza sobre ela é que tudo o que nasce inevitavelmente terá um fim.

Mesmo em tenra idade, a criança é capaz de experimentar e perceber a perda; porém, sua compreensão desse processo estará profundamente ligada à atitude dos familiares, que devem oferecer o acolhimento e a atenção adequados. Dessa forma, ao término do período de luto, a criança poderá sentir-se segura e amparada pelos membros da família (Nunes, 1998). Uns diferentes de outros obviamente, porém os vínculos dos genitores sempre estarão mais presentes na vida e na memória desta criança laços afetivos que estarão presentes na vida deste ser humano que caminhará com as próprias pernas, mas com um impulso de pessoas importantes, os pais (Winnicott, 2008).

Com o intuito de proteção, o adulto próximo a criança tende a ocultar ou deturpar as informações acerca do falecimento, gerando um transtorno ainda maior para a criança que em sua tenra idade, não consegue compreender a real situação.

A criança espera uma resposta do adulto, acredita que ele seja capaz de lhe dizer o que aconteceu. É necessário explicar-lhe que a morte é irreversível, ou seja, que a pessoa que morreu não irá mais voltar à vida. Diante dessa situação, nota-se a dificuldade do adulto em lidar com a palavra morte por todo o conteúdo e sentido que ela provoca não apenas na criança, mas nele próprio. (Sengik, 2013, p. 381).

Compreender como as crianças percebem a morte e o impacto emocional dessa percepção é crucial para o desenvolvimento de estratégias adequadas de suporte e acolhimento. As crianças, ao serem confrontadas com a morte, necessitam de explicações claras e honestas, adaptadas ao seu nível de entendimento, para que possam processar essa experiência de forma saudável. A abordagem transparente e sensível pode ajudar a minimizar os efeitos negativos do luto na infância, promovendo o desenvolvimento emocional e psicológico saudável da criança.

Segundo Kubler-Ross (2008), a compreensão da morte tende a ocorrer em cinco estágios distintos. O primeiro é a negação, um mecanismo de defesa que atua para reduzir o impacto emocional da perda. O segundo estágio é a raiva, que reflete o reconhecimento da realidade da morte, porém com resistência ao fato de ter sido destinado a viver essa experiência. O terceiro estágio é a negociação, em que o indivíduo busca, com um poder superior, prolongar a vida ou alcançar a cura. O quarto estágio, a depressão, caracteriza-se por uma profunda tristeza, que deve ser acompanhada sem questionamentos, pois é um momento particular de reflexão sobre a própria existência. O último estágio é a aceitação, que consiste no reconhecimento de que a morte faz parte do ciclo de vida e, muitas vezes, vem acompanhada por uma sensação de paz em relação ao fim.

Os estágios do luto de Kübler-Ross (2008), quando relacionados ao desenvolvimento infantil, revelam que a maneira como as crianças processam o luto é profundamente influenciada por seu estágio de desenvolvimento cognitivo e emocional. Desde a negação na primeira infância até a aceitação na adolescência, cada fase apresenta desafios específicos que podem ser entendidos à luz da Teoria do Apego. Proporcionar

um ambiente seguro e acolhedor é essencial para que as crianças, independentemente da idade, consigam enfrentar o luto de maneira saudável e evolutiva.

No entanto, nem sempre todas as pessoas possuem habilidades para vivenciar o estágio da aceitação, e não existe um roteiro fixo para vivência e elaboração do sentimento de perda. É possível ainda que estes estágios sejam interferidos de acordo com a cultura vivenciada pelo indivíduo e a sua compreensão sobre o tema.

Para as crianças, especialmente na primeira infância, o entendimento da morte pode ser limitado e influenciado pela percepção egocêntrica do mundo, visto que elas têm dificuldade em conceber uma realidade na qual elas mesmas não existam. A morte é frequentemente associada à ausência física e à ideia de que a pessoa que morreu não estará mais em presença em suas vidas.

É importante considerar que o conceito de morte pode ser complexo e multifacetado, e que as crianças podem desenvolver sua compreensão ao longo do tempo, com base em suas experiências, interações sociais e aprendizado cognitivo. A forma como os adultos abordam e explicam a morte às crianças também desempenha um papel significativo na formação de seu entendimento sobre o assunto.

1.1 A primeira infância

De modo geral, pode-se afirmar que qualquer transformação no ser humano desencadeia outras mudanças que afetam o indivíduo em sua totalidade (Matta, 2001; Papalia et al., 2001). Por exemplo, ao iniciar o uso da linguagem oral para se comunicar, a criança adquire uma nova habilidade cognitiva que lhe abre diferentes possibilidades de interação com o mundo ao seu redor e com outras pessoas, impactando também seu desenvolvimento social. Esse e outros exemplos evidenciam que o desenvolvimento humano é um processo holístico, no qual todos os eventos se influenciam e se desencadeiam reciprocamente.

A primeira infância, comumente apontada como o período de 0 a 6 anos, é um período crucial no desenvolvimento humano, marcado por uma série de mudanças significativas em várias áreas, incluindo cognitiva, social, emocional e física. Neste tópico, exploraremos como a primeira infância influencia o entendimento e o enfrentamento do luto pelas crianças.

Segundo a teoria de John Bowlby (2006), o apego é um sistema motivacional biológico que se desenvolve nos primeiros anos de vida, em que a criança busca proximidade e proteção de figuras de apego, normalmente os cuidadores primários. A qualidade desse vínculo é crucial para o desenvolvimento emocional e psicológico saudável. O luto, que implica a perda de uma figura de apego, afeta profundamente a criança, pois rompe esse vínculo essencial de segurança. Segundo os autores:

Negação e a primeira infância: durante os primeiros anos, as crianças muitas vezes não entendem o conceito de morte, então a negação pode ser uma reação comum. Elas podem acreditar que a pessoa falecida voltará, o que está relacionado ao pensamento mágico dessa fase.

Raiva e idade pré-escolar: entre 3 e 6 anos, a raiva pode ser manifestada de forma impulsiva, como birras ou comportamentos agressivos. Isso pode ser uma expressão da frustração que a criança sente por não conseguir reverter a situação.

Barganha e infância: a barganha surge em crianças um pouco mais velhas, que começam a entender a relação de causa e efeito, mas ainda acreditam que, de alguma forma, podem “negociar” a volta do ente perdido.

Depressão e idade escolar/adolescência: à medida que a criança cresce e entende que a morte é

final, o estágio de depressão se torna mais evidente. Nessa fase, é comum o surgimento de tristeza profunda, sentimentos de desamparo e, em alguns casos, comportamentos de isolamento social, mais pronunciados na adolescência.

Aceitação e adolescência/adulto jovem: a aceitação tende a ocorrer em adolescentes mais velhos, que já possuem maturidade emocional e cognitiva para lidar com a perda. No entanto, é importante lembrar que a aceitação não significa a ausência de dor, mas sim a capacidade de viver com a perda de forma funcional.

Na perspectiva de Núñez (2005), só será possível aceitar uma fragmentação do desenvolvimento humano se houver uma finalidade metodológica que permita observar cientificamente algumas dimensões da condição humana. Para Piaget (1971), o que marca a passagem do período sensório-motor para a primeira infância é o aparecimento da função simbólica ou semiótica, ou seja, é a emergência da linguagem, esse período também é marcado pelo egocentrismo, uma vez que a criança não concebe uma realidade da qual não faça parte, devido à ausência de esquemas conceituais e da lógica.

Segundo Torres (1979), as crianças do grupo da primeira infância não possuem a capacidade de diferenciar entre seres que morrem e que não morrem. A morte, em suas percepções, está diretamente ligada à vida. Ela cita que “as crianças do subperíodo pré- operacional evidenciam o predomínio de noção restrita, caracterizada por explicações limitadas, nas quais a distinção entre animados e inanimados não está suficientemente clara.” (p.22). Também nessa premissa, de acordo com Papalia:

Uma das principais características do pensamento da primeira infância é a centração: a tendência a concentrar-se em um aspecto de uma situação e negligenciar outros.” Isso se torna relevante uma vez que a criança tem dificuldade em assimilar o que realmente aconteceu (Papalia, 2013, p. 257).

Pensar acerca da infância nos leva a refletir que esse momento se constitui enquanto gênese da formação da subjetividade, da interpretação do mundo e das pessoas. É importante ressaltar que se trata de um processo gradual. Winnicott (2008) assegura que o ser humano deve se organizar através do Eu, para que consiga lidar, através de métodos pessoais, com os impulsos que são instintivos.

Assim, é importante considerar essa visão subjetiva da primeira infância e sua relação com o mundo e com as pessoas para aprofundar-se nos estudos sobre, visto que o meio que a criança está inserida, influencia em como ela lida com sua existência, interpreta o mundo e as vivências. “O estudo da criança exigiria o estudo dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a este e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo” (Wallon, 1972, p. 189).

Dessa forma, é possível afirmar a partir das ideias de Wallon, que a sociedade intervém no desenvolvimento psíquico da criança, através de suas sucessivas experiências e das dificuldades para vencê-las, já que ela depende durante muito tempo dos adultos que a cercam. Wallon procurou conceber a afetividade como a chave para o crescimento e a formação da personalidade do indivíduo.

Essa afetividade com os pais, em primeiro lugar, também é citada por Winnicott:

Por outras palavras, a única base autêntica para as relações de uma criança com a mãe e o pai, com outras crianças e finalmente, com a sociedade, consiste na primeira relação bem-sucedida entre a mãe e o bebê, entre duas pessoas, sem que mesmo uma regra de alimentação regular se interponha entre elas, nem mesmo uma sentença que dite que um bebê deve ser amamentado ao peito materno. Nos assuntos humanos, os mais complexos só podem evoluir a partir dos mais simples (Winnicott, 2008, p. 36).

Quando Wallon coloca a afetividade em primeiro lugar é porque ela, através da emoção, consiste em uma impressão corporal de um estado interno, que faz a comunicação e o intercâmbio entre os indivíduos, bem como provoca as primeiras representações, figurações e adquire a consistência nos movimentos.

A criança necessita de uma base segura para sobreviver, não somente por instinto, mas porque faz parte do seu desenvolvimento. Quando acontece a ruptura desse apego, logo a criança tem não só seu desenvolvimento comprometido, bem como suas questões biológicas, vida social e psicológica comprometida. A importância dos vínculos na estruturação psíquica e social do ser humano, acontece mediante o investimento afetivo e a sensibilidade materna para responder aos sinais e comunicações da criança (Winnicott, 2008).

1.2 O luto e a primeira infância

As reações ao luto na primeira infância podem variar amplamente, mas algumas respostas comuns incluem regressão a comportamentos mais infantis, mudanças nos padrões de sono e alimentação, e aumento da ansiedade de separação (Sengik, 2013). É importante reconhecer que essas reações são manifestações naturais do estresse emocional que a criança está enfrentando.

Segundo Zimerman (2011, p. 45), o luto infantil pode se manifestar através de diferentes comportamentos, tais como regressões, dificuldades de concentração e alterações no sono e apetite. Por conta de todas as mudanças no comportamento e vivências que a criança passa nessa fase, Winnicott (2008) destaca a importância do ambiente sustentador, em que os cuidadores oferecem um suporte constante e confiável. Esse ambiente permite que a criança expresse suas emoções e receba validação para seus sentimentos de tristeza e perda. Além disso, Winnicott sugere que a presença de figuras parentais estáveis pode ajudar a criança a desenvolver mecanismos de enfrentamento mais eficazes.

Os processos que ocorrem na infância são fundamentais para a formação do adulto. De acordo com Winnicott (2008, p. 36), “a construção deste indivíduo começa desde o nascimento do bebê e seu primeiro contato com sua mãe”. Esse contato inicial é crucial, pois a internalização do cuidado com o bebê estabelece a base para o desenvolvimento emocional. Se o genitor é agressivo, o bebê tende a desenvolver comportamentos agressivos. A criança imagina o mundo a partir da influência que a mãe exerce sobre ela, destacando a importância de um cuidador estável e amoroso.

Ao ser confrontada com a morte de um ente querido, pode não possuir a capacidade cognitiva e emocional para entender a irreversibilidade da morte. Isso pode gerar uma série de reações emocionais que variam desde confusão e tristeza até sentimentos de abandono e insegurança.

A experiência do luto na primeira infância é marcada pela dificuldade das crianças em compreender a permanência e a irreversibilidade da morte. Segundo Kübler-Ross (2008), crianças pequenas tendem a perceber a morte como uma forma de separação temporária, o que pode levar a expectativas de retorno do ente querido. Essa percepção limitada se deve ao estágio de desenvolvimento cognitivo em que se encontram, conforme descrito por Piaget (1971), que caracteriza essa fase pelo pensamento egocêntrico e pela falta de esquemas conceituais complexos.

Bowlby (2006, p.19) explica que “o medo e a culpa provenientes desse conflito estão subjacentes a muitas doenças psicológicas e a incapacidade para enfrentar esse medo e essa culpa está subentendida em muitos discursos de caráter, incluindo a delinquência persistente”. Destaca, ainda, sobre a importância do avanço da criança no sentido de regular essa ambivalência, o que implicará no desenvolvimento da sua personalidade:

Se a criança seguir um caminho favorável, ela crescerá consciente de que existem, em seu íntimo, impulsos contraditórios, mas que estará apta a dirigi-los e controlá-los, e a ansiedade e culpa que eles engendram será suportável. Se o seu progresso for menos favorável, a criança será assediada por impulsos sobre os quais sente não ter controle ou ter um controle inadequado; em consequência disso, sofrerá uma ansiedade aguda com relação à segurança das pessoas que ela ama e também temerá o revido que, acredita ela, não deixará de cair sobre sua própria cabeça. É nesse caminho que está o perigo - o perigo de a personalidade recorrer a uma série de manobras, cada uma das quais cria mais dificuldades do que resolve. Por exemplo, o medo da punição que é esperada como resultado de atos hostis - e também, é claro, os intuitos hostis, pois nunca é fácil para uma criança distinguir claramente uns dos outros - acarreta frequentemente mais agressão (Bowlby 2006, p. 19).

De acordo com Papalia (2013), uma das características do pensamento da primeira infância é a centração, que é a tendência de concentrar-se em um aspecto de uma situação e negligenciar outros. Isso significa que as crianças podem fixar-se em detalhes específicos da perda, como a ausência física da pessoa que morreu, sem entender plenamente o conceito de morte. As reações emocionais podem incluir mudanças no comportamento, como regressão a comportamentos infantis anteriores, irritabilidade, ansiedade e dificuldades para dormir.

No contexto do luto, a presença de um cuidador consistente pode auxiliar a criança a sentir-se segura e acolhida enquanto atravessa a experiência de perda. Tinôco e Franco (2011) apontam que a ausência de vínculos seguros nas relações iniciais pode comprometer a capacidade da criança de estabelecer novas conexões no futuro, aumentando a probabilidade de dificuldades emocionais e comportamentais.

Além disso, estudos científicos indicam a importância de permitir que as crianças expressem suas emoções e façam perguntas sobre a morte. A utilização de recursos lúdicos, como livros e histórias, é uma estratégia eficaz para ajudá-las a compreender e processar o luto, proporcionando um meio seguro e acessível para explorar sentimentos complexos e iniciar conversas sobre a morte (Oliveira, 2010).

A relação entre cuidadores e crianças é essencial no processo de luto. Cuidadores capacitados e apoiados podem oferecer um ambiente seguro que permita à criança expressar seu luto, facilitando a adaptação e reduzindo o risco de problemas emocionais futuros (Tinôco; Franco, 2011, p. 431).

Ainda, é crucial reconhecer o papel dos rituais de despedida, que podem ajudar a criança a entender a permanência da perda e a processar suas emoções de forma saudável. Esses rituais podem incluir cerimônias personalizadas que envolvam a criança, permitindo-lhe participar de maneira significativa na memória e homenagem ao ente querido. Por meio desses rituais, a criança encontra uma maneira tangível de manifestar seu luto e dar início ao processo de aceitação da perda (Kübler-Ross, 2008).

Diferentes culturas possuem formas variadas de lidar com a morte e o luto, o que impacta diretamente a vivência das crianças. Rodrigues (2016) afirma que rituais e práticas culturais oferecem uma estrutura para que as crianças compreendam a morte e expressem seu luto. No contexto brasileiro, por exemplo, os rituais fúnebres e as celebrações de finados podem possibilitar à criança uma oportunidade de participar do processo de despedida e manter viva a memória do ente querido. Esses rituais fornecem um senso de continuidade e apoio da comunidade, ajudando a criança a sentir-se parte de um coletivo que compartilha sua dor (Gomes, 2013).

Rituais de passagem são formas tradicionais e simbólicas que auxiliam indivíduos e comunidades a enfrentar o luto e a transição da vida para a morte. Variando conforme as culturas e religiões, esses rituais desempenham um papel fundamental ao oferecer uma estrutura para a dor e promover apoio social. Cerimônias como funerais, velórios, orações, homenagens e outros rituais de despedida criam um espaço para a expressão

coletiva de emoções, permitindo aos enlutados externalizar seus sentimentos, conectar-se com a comunidade e dar continuidade à vida sem a presença do ente querido. Esses rituais podem simbolizar o encerramento de um ciclo e proporcionar conforto, fornecendo um significado espiritual ou cultural para a morte e facilitando a aceitação e a elaboração do luto (Parkes; Lafarge, 2018).

Ainda segundo Gomes (2013), outro aspecto importante é a educação dos pais e cuidadores sobre como responder às perguntas das crianças sobre a morte. Treinamentos e orientações podem ajudar os adultos a sentirem-se mais preparados e confiantes para abordar o assunto de maneira apropriada e sensível. A capacidade dos adultos de argumentar de maneira aberta e honesta pode aliviar as ansiedades das crianças e ajudá-las a construir uma compreensão mais saudável e realista sobre a morte.

As respostas assertivas dos pais no enfrentamento do luto infantil são fundamentais para o processo de elaboração da perda, pois proporcionam um ambiente de acolhimento e segurança emocional para a criança. Pais que são abertos ao diálogo, que validam os sentimentos dos filhos e que respondem com clareza e honestidade sobre a morte ajudam a diminuir o impacto psicológico da perda.

A comunicação assertiva, que inclui explicações adequadas à idade da criança, permite que ela compreenda o que está acontecendo e sinta-se segura para expressar suas próprias emoções. Além disso, ao demonstrar afeto e oferecer suporte emocional contínuo, os pais facilitam a reorganização emocional da criança e promovem um processo de luto mais saudável, evitando sentimentos de abandono ou incompreensão (Santos; Jacques, 2014).

A educação e a sensibilização sobre o luto infantil são fundamentais para melhorar o apoio oferecido às crianças. Programas educativos para pais, professores e profissionais de saúde podem aumentar a compreensão sobre as necessidades das crianças enlutadas e promover práticas de apoio mais eficazes (Souza, 2011).

Essa fase do desenvolvimento exige uma abordagem holística no luto, considerando tanto os aspectos emocionais quanto os cognitivos do desenvolvimento infantil. A intervenção adequada pode não apenas ajudar a criança a navegar pelo processo de luto, mas também promover um desenvolvimento emocional e psicológico mais robusto a longo prazo. Ao fornecer um ambiente de apoio e compreensão, os adultos podem ajudar as crianças na construção da resiliência e no desenvolvimento de habilidades para lidar com perdas futuras (Papalia; Feldman, 2013).

Segundo Souza e Gomes (2011), o acompanhamento psicológico pode fornecer um espaço seguro para a criança explorar suas emoções e desenvolver estratégias de enfrentamento. A intervenção precoce é fundamental para prevenir o desenvolvimento de problemas emocionais e comportamentais a longo prazo.

3 O PAPEL DO PSICÓLOGO FRENTE AO ENFRENTAMENTO DO LUTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

O trabalho do psicólogo com crianças enlutadas exige uma série de habilidades e competências específicas. Primeiramente, é essencial que o psicólogo possua uma compreensão aprofundada do desenvolvimento infantil e dos processos de luto. A capacidade de comunicar-se efetivamente com crianças, utilizando linguagem adequada à idade e recursos lúdicos, é fundamental. Conforme Almeida (2009, p.67), “a criança necessita de explicações claras e adaptadas ao seu nível de compreensão para processar a perda”.

O luto na primeira infância apresenta desafios únicos que requerem uma intervenção especializada. O papel do psicólogo é crucial para ajudar a criança a processar a perda e para fornecer apoio às famílias durante esse período difícil. A sensibilidade para reconhecer sinais não verbais de sofrimento e a habilidade

para intervir de forma não intrusiva são igualmente importantes. Conforme Santos (2014, p. 56) “O psicólogo desempenha um papel crucial ao oferecer suporte emocional e orientação aos pais e cuidadores, ajudando-os a compreender as reações da criança ao luto e fornecendo estratégias para apoiar seu processo de luto.

A intervenção psicológica no luto infantil deve ser adaptada às necessidades específicas de cada criança, considerando seu estágio de desenvolvimento cognitivo e emocional. Segundo Kovács (2003), as crianças passam por diferentes fases de compreensão da morte, que variam de acordo com sua idade e nível de desenvolvimento. Portanto, o psicólogo deve utilizar abordagens que sejam adequadas para a faixa etária da criança. Segundo Oliveira (2010, p. 82), “é responsabilidade do psicólogo criar um ambiente seguro e acolhedor para a criança expressar suas emoções, utilizando técnicas terapêuticas adequadas ao seu desenvolvimento cognitivo e emocional”.

Papalia *et al.* (2001) enfatizam a importância de uma abordagem sistêmica que inclua a família. Segundo os autores, a colaboração com os pais e cuidadores é essencial para criar um ambiente de apoio que promova o bem-estar emocional da criança. Orientar os pais a oferecer explicações claras e consistentes sobre a morte e a manter um diálogo aberto com a criança é crucial para o processo de luto. A intervenção deve ser flexível, ajustando-se às necessidades individuais de cada criança e à dinâmica familiar. É essencial que o psicólogo colabore com os pais e cuidadores, fornecendo orientações sobre como lidar com o luto infantil em casa.

Oliveira (2010) destaca que “a orientação aos pais é um componente crucial no suporte à criança enlutada, pois eles são os principais agentes de conforto e estabilidade”. Assim, reforçamos a ideia de Zimerman (2011, p. 52) sobre o ambiente acolhedor: “a elaboração do luto na infância requer um ambiente acolhedor, onde a criança possa sentir-se segura para expressar suas emoções”.

O apoio à família é um componente essencial no manejo do luto infantil. Os pais e cuidadores desempenham um papel crucial na forma como a criança vivencia e processa a perda. Portanto, o psicólogo deve trabalhar em estreita colaboração com a família para proporcionar orientação e suporte emocional.

É importante que os pais sejam encorajados a falar abertamente sobre a morte com a criança, utilizando uma linguagem apropriada para sua idade e evitando eufemismos que possam causar confusão. Segundo Winnicott (2008, p. 36), “o psicólogo deve observar atentamente a relação da criança com seus cuidadores, pois a qualidade desse vínculo afetivo pode impactar profundamente a maneira como a criança lida com a perda”.

A educação dos pais sobre o processo de luto infantil é fundamental. O psicólogo pode oferecer *workshops* ou sessões de aconselhamento para ensinar estratégias eficazes de comunicação e para ajudar os pais a lidar com suas próprias emoções de maneira que não sobrecarregue a criança (Souza; Gomes, 2011).

Além disso, o psicólogo pode ajudar a família a criar rituais de despedida que permitam à criança participar e entender melhor a permanência da perda. Além das intervenções individuais, os psicólogos também podem utilizar grupos de apoio e terapia familiar como estratégias importantes no tratamento do luto infantil.

Nunes (1998) menciona que grupos de apoio para crianças enlutadas podem proporcionar um espaço de partilha e compreensão mútua, em que as crianças se sentem menos isoladas em sua dor. A terapia familiar, por sua vez, envolve os membros da família no processo terapêutico, ajudando a fortalecer o sistema de suporte da criança.

A utilização de recursos específicos e variados pode facilitar a compreensão e aceitação da morte pela criança. Livros infantis que abordam o tema da morte de maneira sensível e acessível são ferramentas valiosas. Obras como “A Morte na Visão das Crianças” de Almeida (2009) podem ser utilizadas para iniciar

conversas sobre a morte e ajudar a criança a entender o conceito de perda. Santos (2014, p.12) afirma que “a arteterapia oferece às crianças uma forma alternativa de comunicar suas emoções, permitindo que elas explorem e processem seus sentimentos de perda de maneira criativa e não-verbal”.

Além dos livros, a terapia com brinquedos (*Play Therapy*) é uma abordagem eficaz para ajudar crianças a processar o luto. Segundo Oliveira (2010), a terapia com brinquedos permite que as crianças expressem seus sentimentos de maneira simbólica e não-verbal, o que é especialmente útil para crianças pequenas que podem não ter a capacidade verbal de articular suas emoções: “a terapia com brinquedos é uma abordagem eficaz para ajudar crianças a expressarem seus sentimentos de luto, permitindo que elas externalizem suas emoções de forma segura” (Oliveira, 2010, p. 72).

Oliveira ressalta que essa abordagem permite que as crianças representem suas experiências de luto de forma mais tangível, criando narrativas terapêuticas que ajudam a criança a compreender e integrar seus sentimentos de perda. De acordo com Almeida (2009, p. 115) “o psicólogo infantil deve trabalhar em colaboração com outros profissionais de saúde e educadores para garantir uma abordagem integrada e abrangente ao enfrentamento do luto na primeira infância”.

A intervenção psicológica no luto infantil deve ser conduzida com sensibilidade e respeito aos valores e crenças da família. É essencial que o psicólogo mantenha uma postura ética, garantindo que a privacidade da criança e da família seja respeitada e que a intervenção seja centrada nas necessidades da criança (CRP, 2024). Além disso, o psicólogo deve estar ciente das próprias limitações e buscar supervisão ou encaminhamento para outros profissionais quando necessário.

As intervenções psicológicas para o luto infantil são diversas e devem ser adaptadas às necessidades específicas de cada criança. A combinação de terapias individuais, grupos de apoio, rituais de despedida e a educação dos pais forma uma abordagem abrangente que pode efetivamente ajudar as crianças a processar o luto e a desenvolver resiliência emocional. Essas estratégias, embasadas por autores como Oliveira (2010), Almeida (2009), Nunes (1998) e Papalia et al., (2001), destacam a importância de um suporte integrado e contínuo no enfrentamento do luto na primeira infância.

O luto na primeira infância pode ter um impacto significativo no desenvolvimento emocional e psicológico da criança. Estudos indicam que crianças que recebem apoio adequado durante o luto são mais propensas a desenvolver resiliência e a lidar melhor com perdas futuras (Figueiredo, 2012). Portanto, o trabalho do psicólogo não apenas ajuda a criança a enfrentar a perda imediata, mas também contribui para seu bem-estar a longo prazo.

A formação contínua e a supervisão profissional não apenas aprimoram as habilidades clínicas, mas também garantem que o psicólogo esteja alinhado com as normas éticas e práticas atuais. Winnicott (2008) observa que “a competência do terapeuta é fortalecida pelo aprendizado contínuo e pela reflexão sobre sua prática” (p. 102). A supervisão regular também serve como um mecanismo de suporte emocional, permitindo que os profissionais gerenciem melhor o estresse associado ao trabalho com luto infantil.

Por fim, a colaboração interdisciplinar é uma prática recomendada. Trabalhar em conjunto com outros profissionais, como pediatras, assistentes sociais e educadores, pode enriquecer a intervenção terapêutica e oferecer um suporte mais holístico à criança enlutada e sua família. Como afirma Wallon (1986, p. 189), “a intervenção eficaz no luto infantil é multidisciplinar, englobando diferentes perspectivas e expertises”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou ampliar a compreensão sobre o enfrentamento do luto na primeira infância, um tema de extrema relevância para o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças. Através de uma análise, foi possível identificar como as crianças compreendem e lidam com a morte, bem como o papel crucial dos adultos e, em particular, dos psicólogos, nesse processo.

A revisão da literatura revelou que as crianças, mesmo na primeira infância, são capazes de sentir e vivenciar a perda, embora sua compreensão do fenômeno da morte seja limitada e em desenvolvimento. Autores como Nunes (1998) e Sengik (2013) destacam a importância da postura dos adultos ao abordar o tema da morte com as crianças, enfatizando a necessidade de honestidade e clareza para evitar confusões e traumas adicionais.

A intervenção psicológica no luto infantil, conforme discutido, deve ser adaptada às necessidades específicas de cada criança. A utilização de técnicas lúdicas e a terapia com brinquedos são estratégias eficazes para ajudar a criança a expressar suas emoções e a compreender a perda de maneira segura e controlada (Silva, 2008; Oliveira, 2010). Além disso, o apoio à família é essencial, pois os pais e cuidadores desempenham um papel crucial na forma como a criança vivencia e processa a perda. A educação dos pais e a criação de rituais de despedida são práticas que podem facilitar o enfrentamento do luto (Souza; Gomes, 2011).

Há um campo aberto para pesquisas longitudinais que acompanhem crianças ao longo do tempo, avaliando o impacto a longo prazo das intervenções no luto infantil. A continuidade da pesquisa pode não apenas melhorar as práticas de intervenção, mas também contribuir para políticas públicas voltadas ao bem-estar infantil em situações de luto.

Seguindo a linha do luto infantil, é essencial ressaltar a importância de um ambiente de acolhimento, suporte emocional e intervenções adequadas, como rituais de passagem e respostas assertivas dos cuidadores, para auxiliar no enfrentamento da perda. A compreensão do processo de luto a partir da perspectiva do desenvolvimento infantil e das necessidades emocionais específicas de cada idade é crucial para uma abordagem terapêutica eficaz.

Ademais, o papel dos pais e cuidadores como fontes de segurança e esclarecimento é indispensável para que a criança possa elaborar a perda de forma saudável. Intervenções psicológicas, como terapia do jogo, arte e terapia narrativa, são valiosas para ajudar a criança a expressar seus sentimentos e encontrar maneiras adaptativas de lidar com a dor. Por fim, é importante que mais pesquisas e práticas sejam desenvolvidas para explorar as particularidades do luto infantil em diferentes contextos culturais e familiares, garantindo que todas as crianças possam receber o apoio necessário para sua recuperação emocional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **A morte na visão das crianças**. São Paulo: Paulus, 2009.
BOWLBY, J.; ÁLVARO CABRAL; LUIS LORENZO RIVERA. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. [s.l.] São Paulo Martins Fontes, 2006.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA (CRP). **Código de ética**. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/legislacao/codigo-de-etica/>. Acesso em: 01 jun. 2024.

FIGUEIREDO, L. C. **Luto infantil e desenvolvimento emocional**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

GOMES, C. F. **Rituais e práticas culturais no luto infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo** (1927), Partes I e II, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2002.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MATTA, I. **Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem**. Lisboa: Universidade Aberta, 2001. NUNES, D. C.; CARRARO, L.; JOU, G. I.; SPERB, T. M. As crianças e o conceito de morte.

Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 11, n. 3, 1998.

NÚÑEZ, R. S. **Educación infantil de 0 a 3 años: una guía práctica**. Valladolid: Editorial de la Infancia, 2005.

OLIVEIRA, M. S. **Educação sobre o luto infantil: um guia para pais e educadores**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

OLIVEIRA, R. M. **Terapia com brinquedos no luto infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **O mundo da criança**. 8. ed. Lisboa: McGraw- Hill, 2001.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PARKES, C. M.; LAFARGE, H. G. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. 5. ed. São Paulo: Summus, 2018.

RODRIGUES, J. C. **Constantes e variáveis significacionais nos ritos e mitos associados à morte**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SANTOS, M. A.; JACQUES, M. P. O. **Psicodinâmica do luto: teoria e clínica**. São Paulo: Summus, 2014.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Concepção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, Caxias do Sul, v. 25, n. 2, p. 379-387, 2013.

SILVA, C. P. **Luto na infância: uma abordagem psicológica**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

SILVA, R. C.; OLIVEIRA, M. S. Terapias lúdicas no tratamento do luto infantil. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 6, n. 2, p. 48-56, 2010.

SILVA, R. M. **A importância do lúdico no processo de luto infantil**. Curitiba: Juruá, 2008.

SOUZA, M. A. Luto na primeira infância: intervenção e suporte psicológico. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 82-94, 2011.

SOUZA, M. A.; GOMES, C. F. O impacto do luto no desenvolvimento emocional infantil. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 17-30, 2011.

SOUZA, F. R.; GOMES, R. A. **Estratégias de intervenção psicológica no luto infantil**. São Paulo: Vetor, 2011.

TINÔCO, V.; FRANCO, M. H. P. O luto em instituições de abrigamento de crianças. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 28, n. 4, p. 427-434, 2011.

TORRES, R. O conceito de morte na criança. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 9-34, 1979.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986. WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difel, 1972.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

ZIMERMAN, D. E. **Morte, luto e organização familiar: à escuta da criança na clínica psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2011.